

Entrevista a Bruno Castro

Portugal sob ameaça

A VisionWare é uma empresa portuguesa líder em soluções tecnológicas e aplicacionais nas áreas de segurança de redes e sistemas de informação. Com sede no Porto e duas filiais, uma em Lisboa e outra em Cabo Verde, a VisionWare, credenciada pelo Gabinete Nacional de Segurança, é a única empresa que "trata" da segurança informática das empresas com uma abordagem global e direccionada especificamente ao "negócio". Bruno Castro, administrador da VisionWare, dá-nos uma visão da realidade portuguesa e confessa que o país é um "alvo atraente" para uma guerra electrónica.

ROSSETTE MARQUES

DC Empresas & Negócios - A VisionWare é uma empresa líder em soluções tecnológicas e aplicacionais nas áreas de segurança de redes e sistemas de informação. Considera que as empresas portuguesas estão sensíveis a esta temática da segurança informática?

Bruno Castro - Temos de ter noção de que existem vários sectores de mercado, cada um com o seu nível de exigência e de segurança. Tipicamente, as empresas portuguesas, sobretudo as PME que caracterizam o tecido empresarial português, não cumprem minimamente os mínimos exigidos em termos de segurança. Já o mercado da Banca, Autoridades e Defesa apresentam tecnologias e modelos de segurança de acordo com as exigências a que são sujeitas diariamente. São patamares distintos, e de enorme especificidade, e é aí, que a VisionWare se dedica. Aliás, na área da segurança, somos a referência portuguesa, onde a VisionWare foi a primeira empresa certificada pelo Gabinete Nacional de Segurança e, de facto, a banca, portuguesa e estrangeira, fazem parte da nossa carteira de clientes. Entrámos também na área da Defesa e Autoridade e temos grandes empresas, como a Sonae, por exemplo.

Recentemente, e face a concorrência de gabarito internacional, ganhámos um concurso internacional, lançado pelo Banco Mundial de Investimento. Estamos a trabalhar directamente com o Banco Central em Cabo Verde.

Quer dizer que já iniciaram o processo de internacionalização?

Sem dúvida. O facto de estarmos certificados pelo Gabinete Nacional de Segurança e pelos maiores e mais referenciados organismos internacionais na comunidade de segurança, abre

as portas para a VisionWare abordar o mercado externo sem qualquer género de complexo. Por outro lado, o facto da VisionWare estar acreditada por todas as instâncias internacionais de renome associado a uma "brand" já reconhecida no mercado, permite posicionar-nos directamente a nível internacional com bastante reconhecimento e sucesso.

Desde o início que considerámos ser um requisito base, ter todos os "cartões" internacionais exigidos para esta actividade. Sempre que existe um concurso internacional, estes conhecimentos de base abrem-nos as "portas" para nos posicionar como um player de referência no mundo da segurança de informação.

Em Portugal, há o conceito de segurança informática?

A postura do mercado da Banca já garante um orçamento definido para a área da segurança, pois quando há uma fraude, para além da imagem, há a parte financeira envolvida, "obrigando" a uma forma e cultura completamente distinta. No caso das

PME, é necessário passar-lhes a cultura da segurança de uma forma pró-activa. A abordagem da VisionWare, para além de garantir a idoneidade na vertente de segurança, passa por demonstrar as fragilidades de segurança a que o negócio se encontra exposto numa óptica de segurança (ex.: acesso a um conjunto de informação confidencial da empresa). Aí, os empresários percebem os perigos reais e virtuais a que estão sujeitos.

Qualquer empresa está sujeita aos mesmos perigos? Quais são as vulnerabilidades mais evidentes?

Quando abordamos uma empresa, a resposta mais comum é que "está tudo seguro", "aquí nunca aconteceu nada", ou então, somos chamados a intervir, porque houve efectivamente um incidente de segurança na empresa. As queixas mais vulgares prendem-se com o roubo de informação. Por exemplo, alguém que sai de uma empresa e leva consigo toda a base de dados de clientes, ou informação associada a propriedade industri-

al, ou toda a informação que existe na empresa desde a área comercial até à área operacional de negócio.

A Internet poderá tornar-se um dos "locais" de maior crime?

Já! Basta ver o caso da pedofilia. Quem é que tem filhos em casa e controla a sua navegação pela internet? Como é que os pais controlam os seus interlocutores nos chats e Messenger? É muito difícil controlar o que eles fazem, ou com que "interagem" numa conversa virtual que pode vir a ter contornos bastante mais perigosos.

Hoje, estamos a viver aquilo a que eu chamaria uma revolução da era da informação. Estamos a tentar replicar para a via virtual, tudo o que fazíamos a nível físico. Se quisermos falar com alguém, utilizamos o Messenger, onde antes iam ao Banco directamente, hoje, fazemos transferências bancárias, compras on-line, através do cartão de crédito. O problema é que não há barreiras físicas. Se estivermos em casa, ou no Cybercafé, ou numa rede wireless (hotspot), a fazer uma transferência bancária, outros

podem estar a ouvir sem o nosso conhecimento. Isso é um perigo real e a maioria das pessoas não tem qualquer noção do risco associado a este tipo de comportamento, nem às consequências que podem advir deste tipo de replicação da nossa forma de estar na era da informação.

Como é que a VisionWare pode resolver esses problemas que não afectam apenas as empresas, mas também o cidadão comum?

A VisionWare trabalha essencialmente com o tecido empresarial. Nesse sentido, a nossa postura baseia-se sempre numa abordagem top-down ao "core-business" da empresa, focando-nos especificamente em tudo o que rodeia o "negócio" e possa vir a colocar em risco a sua segurança. Por exemplo, se uma empresa decide fornecer aos seus colaboradores, e eventuais convidados, uma rede interna wireless, a VisionWare disponibiliza e implementa medidas e processos que, em primeiro lugar, protejam a empresa e o seu "negócio", e posteriormente estabeleçam normas de controlo no acesso que os colaboradores (e convidados) possam vir a ter através da utilização dos recursos e mais-valias que a empresa disponibiliza. Antes de mais, é o "negócio" que está na nossa mente!

Estas aplicações de segurança são muito dispendiosas?

Eu diria que não. Tudo depende do volume/modelo de negócios e do sector de actividade. Na área da Banca e da Defesa, por exemplo, estamos perante sistemas muito robustos e de tecnologias de segurança bastante evoluídas. Mas antes de falarmos de tecnologias, devemos colocar a tónica nos processos. O caminho é definir e implementar políticas corporativas de segurança adequadas à realidade das empresas. Isso resolve-se com um papel apenas, isto é, são regras definidas pela camada de gestão das empresas, para a realidade humana e do modelo de negócio em vigor. Por exemplo, o acesso à internet e a determinados sites só pode ser realizado consoante as normas instituídas pela empresa, ou por exemplo, a

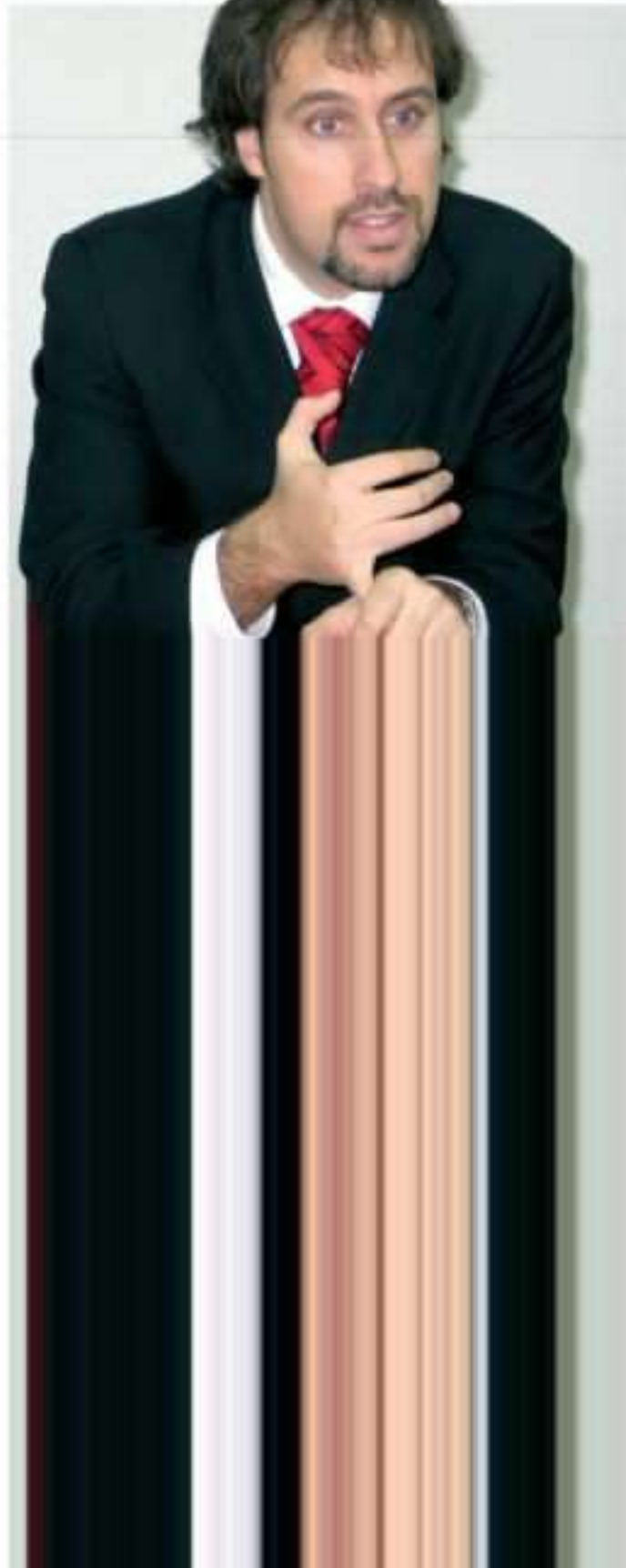
de guerra electrónica

definição de uma norma onde os colaboradores não podem instalar determinados tipos de software no seu posto de trabalho sem autorização prévia. Enfim, são políticas de segurança da empresa, definidas de topo e que devem ser rigorosamente cumpridas por todos os colaboradores da empresa. É a prova de que se trata de uma questão importante para a realidade empresarial, é que, hoje, os contratos de trabalho já responsabilizam o trabalhador por tudo o que instala no seu posto de trabalho.

São medidas um tanto ditatoriais?

vice que tem como único objectivo destruir qualquer sistema independentemente da sua origem ou propriedade. Trata-se de um ataque horizontal que atinge todos os cibercrimes de forma "anárquica". É uma nuvem, não há fronteiras, todos são afectados. Estamos todos no mesmo patamar.

Em Portugal, estamos num patamar muito atraente para o segundo tipo de ataque: o "ataque de acesso" que consiste essencialmente no roubo de informação de "negócio" com fins específicos para o efeito. É planeado, estruturado e concretizado de forma consciente para o objectivo final - roubo ou acesso



Qual é a formação base dos colaboradores?

Em termos técnicos, temos de ser "imbastíveis" face ao mercado e à nossa concorrência. Todos os colaboradores têm formação superior, na área da engenharia, mas depois todos temos formações e certificações em áreas muito específicas do mundo das tecnologias de informação. Os nossos consultores têm que ser exímios e incontestáveis tecnicamente, e simultaneamente, capazes de dialogar directamente com a camada de gestão das empresas onde nos posicionamos. Esta simbiose não é fácil de adquirir.

VISION WARE

A VisionWare, constituída em Agosto de 2005, no espaço de pouco mais de dois anos, assistiu a um crescimento exponencial. Reconhecida de acordo com as melhores práticas ITIL, COBIT e BSI/ISO 17799, os serviços de consultoria e auditoria da VisionWare espelham um nível de excelência reconhecido pela Microsoft, que lhe atribuiu distinção de Parceiro GOLD. Esta distinção certifica várias das competências em que é especializada, com destaque particular para a vertente de Segurança de Informação e "networking" de elevada exigência/integração de negócio, vulgarmente associada ao tecido empresarial de renome internacional e mercado Banca/Defesa. A VisionWare foi a primeira empresa nacional credenciada pelo Gabinete Nacional de